

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

***Medo, Mídia e Moralidade:*
o caso do bairro de São José, João Pessoa-PB**

Wanessa Souto Veloso

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Dra. Simone Magalhães Brito.

João Pessoa

2010

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Veloso, Wanessa Souto

Medo, Mídia e moralidade: o caso do bairro de São José. / Wanessa Souto Veloso. - João Pessoa, 2010.

55f. : il.-

Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Simone Magalhães Brito

1. Comunicação de Massa – aspectos sociais. 2. Violência na mídia.
3. Mídia – Medo e violência – análise. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 659.3

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Mídia e Moralidade
o caso do bairro de São José, João Pessoa-PB

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Simone Magalhães Brito (Presidente)

Prof^o Terence Mulhall (Membro)

Prof^o Mauro Guilherme Pinheiro Koury (Membro)

RESUMO

O presente trabalho visa analisar o impacto das notícias sobre violência na vida dos moradores do Bairro de São José em João Pessoa-PB. A perspectiva deste trabalho foi de entender as conseqüências sociais dessas notícias, tendo como foco o processo de construção de noções morais, especialmente aquelas que viabilizam o reconhecimento dos sujeitos e suas percepções acerca das identidades “nós/eles”. Para isso foi observado o discurso dos moradores e suas percepções em relação às notícias, suas reflexões acerca da categoria medo assim como a maneira como tal categoria influencia as formas de sociabilidade. O presente trabalho trouxe a discussão sobre esses elementos a partir do diálogo com os trabalhos de Koury, Elias e Goffman, as bases teóricas que nortearam o presente trabalho.

Palavras-Chaves: Violência, Mídia, Moralidade, Medo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, minha filha Wenny Caroline e as minhas irmãs, pelo apoio, carinho e compreensão.

Em especial a Prof.^a Dra. Simone Magalhães Britto que me orientou pacientemente, esclarecendo as minhas dúvidas, e revelando a prática da pesquisa. Agradeço-lhes principalmente por ter me "apresentado" as ferramentas teóricas das quais irão me acompanhar por mais alguns anos na esfera acadêmica.

Aos moradores da Comunidade São José, em especial a Cleonice, que me recebeu em sua casa e possibilitou a minha entrada na comunidade.

A todos os amigos e companheiros do curso que me acompanharam por toda a caminhada, assim como todos os professores que contribuíram com a minha formação acadêmica.

A família Lira e em especial a Marcos Antonio Freitas Lira Junior, que por um ano vivenciaram comigo as minhas preocupações acadêmicas, e sempre me deram palavras de conforto.

O fascínio da sociologia está no fato de que sua perspectiva nos leva a ver sob nova luz o próprio mundo em que vivemos.

Peter Berger

SUMÁRIO

Introdução... 8

Capítulo I

Considerações Teóricas... 11

Capítulo II

Conhecendo o Bairro de São José... 18

Capítulo III

O medo e a construção do “outro”... 30

Conclusão... 33

Bibliografia...34

Anexos...37

INTRODUÇÃO

As notícias sobre violência vêm ganhando amplo espaço nos meios de comunicação e as idéias de “medo” e “insegurança” se tornaram centrais no contexto atual. O avanço da tecnologia da informação permite que os acontecimentos de diversos lugares do mundo estejam cada vez mais ao alcance dos diversos atores sociais. Em certa medida, a revolução tecnológica no campo da comunicação de massa possibilita novas leituras e interpretações acerca do mundo, das relações sociais e, portanto, da própria sociedade. Dessa forma, dentre uma grande variedade de problemas emergentes, uma das perguntas relevantes que podemos nos fazer é: como as notícias sobre violência estariam modificando o cotidiano dos indivíduos? E ainda, podemos também questionar de que forma o medo e a insegurança (possivelmente intensificados pela sua espetacularização) estariam promovendo novas maneiras de interação social.

Partindo da perspectiva de Koury, “as relações entre indivíduos ou grupos se encontram sempre permeadas e se configuram e se reconfiguram sob a presença direta ou indireta do medo” (2008: p.14). Portanto, é possível afirmar que o medo não é uma exceção na vida social, mas influencia a maneira como são estabelecidos os contatos entre os indivíduos. O presente trabalho irá analisar, através do estudo de uma pequena comunidade, como notícias sobre violência afetam as redes de sociabilidade, especificamente, de que maneira medo e moralidade estão relacionados nos processos de reconhecimento do outro e de formação de identidades.

Partindo dessa perspectiva, vou analisar um caso específico de uma comunidade que, além de sofrer o problema do medo e da insegurança, é descrita na mídia local como o foco da violência na cidade João Pessoa- PB: o bairro de São José. Segundo dados do IBGE (2006), os bairros com maior distância de renda na cidade de João Pessoa-PB são Cabo Branco e São José onde o primeiro acumula 13 vezes mais rendimentos que o segundo. Por tal motivo, esta monografia é parte de uma pesquisa maior que busca analisar o impacto das notícias de violência em ambos os bairros, tentando perceber se existe um recorte de classe na percepção das notícias sobre violência e na formação de ondas de pânico moral¹. Durante o período de julho de 2009 a julho de 2010, busquei me aproximar da comunidade de São José e analisar a influência em seu cotidiano de alguns programas locais, os quais são exibidos ao meio dia como: Correio Verdade (TV Correio) e Cidade em Ação (TV Arapuã), que veiculam as notícias de violência. Essa pesquisa possibilitou o contato com essa comunidade, e o presente trabalho é derivado dessa experiência onde utilizei material teórico e metodológico do qual relatei leituras sobre medo, mídia e moralidade.

São José é um bairro da cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, cercado por bairros considerados 'nobres' (principalmente Manaíra) da zona leste do município, que surgiu em forma de um assentamento espontâneo, informal e desordenado de migrantes de baixa qualificação (geralmente vindos do interior de estados vizinhos). Eles firmaram moradia às margens do Rio Jaguaribe (considerada parte das áreas de preservação permanente-APP), essa ocupação desordenada acabou trazendo problemas sócio-econômicos e ambientais (alto nível de poluição e contaminação por esgoto não-tratado).

¹ Mídia, Justiça e Moralidade: Uma análise sociológica do pânico moral desenvolvido a partir das notícias de violência, DE 2009 A 2011, coordenado pela prof^a Dra. Simone Magalhães Brito.

O bairro fica localizado na zona leste de João Pessoa, com uma população de cerca de quinze mil habitantes. Em termos mais precisos, a comunidade fica situada entre a BR-230, Bairro João Agripino, e o Bairro de Manaíra. Quando o Rio Jaguaribe era considerado a fronteira entre a zona leste e norte, em meados dos anos 90, este sub-bairro era parte do noroeste de Manaíra, na divisa da zona norte com a zona leste; só no final dos anos 90, com a expansão da zona leste para sul, é que este sub-bairro (e outros bairros tais como Miramar e afins) passaram a fazer parte da zona leste ocidental.

Para melhor entender a comunidade de São José é importante notar as características de seu bairro vizinho: Manaíra. Este é um dos bairros que apresenta o melhor IQV (*Índice de Qualidade de Vida*) do Estado². O bairro respira ares cosmopolitas e apresenta uma densa verticalização e contínua expansão imobiliária. Pode-se dizer que esse bairro possui uma ótima infra-estrutura com uma grande área comercial, vários restaurantes, lanchonetes, hotéis, supermercados e lojas de vários segmentos. Entre a comunidade de São José e o bairro de Manaíra, localiza-se o Shopping Manaíra, construído em 1989. Atualmente, este centro de consumo conta com uma área construída de mais de 111.000 m², possui mais de 360 lojas, sendo o maior *shopping center* da Paraíba e o segundo maior de todo o Nordeste.

Assim, os moradores do bairro de São José, que é marcado por problemas sociais e socioambientais, são vizinhos do maior centro de consumo e representação da riqueza da cidade. Também é importante mencionar que, ao analisar os programas de televisão locais que apresentam notícias sobre violência e tematizam uma suposta insegurança crescente na cidade de João Pessoa, percebi que a comunidade de São José era constantemente mencionada como o “foco” da violência, o lugar que “guarda” ou abriga aqueles que cometem os delitos no bairro de Manaíra e aterrorizam a cidade.

Entre as várias notícias acerca do bairro de São José, destaco uma matéria que foi ao ar em 11 de outubro de 2010 no programa “Cidade em Ação” (TV Arapuã), narrada pelo apresentador Samuca Duarte. Acredito que esta notícia é um bom exemplo de como é criado um discurso particular em relação ao bairro. O apresentador narra um conflito (ocorrido no dia 10 de outubro deste ano) entre dois grupos de criminosos que resultou na morte de um jovem que saía do estacionamento do Shopping Manaíra no momento do conflito. A notícia foi assim apresentada:

“Ninguém está podendo sair de casa! Será que a gente não pode mais sair de casa?? Ninguém pode ir mais para uma diversão, ninguém pode mais ir a uma praça, ninguém pode ir mais a uma igreja, João Pessoa está cada vez mais violenta! A Paraíba está cada vez mais violenta! Por isso eu quero a atenção de toda a Paraíba, vamos começar o programa de hoje mostrando um fato lamentável!!! Aconteceu na madrugada de ontem durante um tiroteio -preste atenção! -Um tiroteio entre gangs que aconteceu na divisa do Bairro São José com o Bairro do Manaíra deixa um jovem ferido na cabeça! Ele foi atingido com tiro na cabeça!!! Quando ele saía do estacionamento do Shopping Manaíra, logo depois de um show na boate que fica dentro do shopping. Veja, o estacionamento é aquele que fica bem perto da entrada do São José! E existe lá, bem em frente ao local, uma delegacia! E que por sinal estava fechada! Olhe só! A delegacia, que deveria funcionar 24 horas estava fechada! Esse jovem foi socorrido mas chegou morto, já chegou morto no Trauma! [Hospital senador Humberto Lucena] Um jovem de Campina

² FONTE: <http://wapedia.mobi/pt/Mana>. (acesso em 10 de novembro de 2010).

Grande que veio para João Pessoa para uma festa aqui em uma boate, a qual fica dentro do Shopping Manaíra, e acaba sendo vítima de um disparo efetuado por jovens de gangs rivais do São José.

E a Polícia ainda não pegou os acusados por que *eles fugiram para a comunidade São José, eles provavelmente estão escondidos lá!* É sempre assim eles praticam os crimes nas imediações do Manaíra e fogem para o São José porque o acesso é difícil nessa área (...).

Diante de matérias como essa, é possível dizer que os noticiários estariam provocando certa perspectiva de “enquadramento” em relação a todos os moradores dessa área, afinal transmite de modo claro a idéia de que todos eles podem ser criminosos.

Esses noticiários também ecoam a idéia de que a violência nos bairros de classe média viria de fora, de bairros mais pobres como o de São José. Fica claro através dessas notícias, e dos discursos, a crença de que os moradores dos bairros de classe média possuiriam certa “superioridade moral”. Segundo Elias:

“Os grupos estabelecidos que disponham de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e as normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos”. (ELIAS, 2000: p. 29).

Assim, busquei neste trabalho analisar, a partir de uma perspectiva eliasiana do conflito entre estabelecidos e outsiders, a construção de uma identidade de grupo, particularmente nos seus aspectos morais. Reconheço que esse processo é muito amplo, mas no presente trabalho tentarei lidar com dois aspectos: o lugar do medo nesse processo e sua relação com a construção de estigmas. Assim, busco entender o papel dos programas de televisão sobre violência no cotidiano, relacionando o estigma absorvido pelos moradores da comunidade de São José ao processo de formação de sua identidade grupal.

A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo mesclando entrevistas e experiências etnográficas. A escolha deste método se deve a necessidade de uma percepção do cotidiano dos grupos e de como as notícias de violência que envolve o bairro interferem na noção de identidade “nós/eles”. Mais importante do que o conhecimento da informação ou de um caso específico divulgado pelos programas, busquei perceber como os atores percebem o discurso da mídia em relação a eles e à comunidade, e de que maneira eles absorvem o que é dito pelos apresentadores sobre o bairro.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O objetivo deste trabalho é entender como a sociabilidade e moralidade dos moradores do bairro de São José é modificada pelas notícias sobre a violência e pela campanha midiática que associa a violência de João Pessoa ao bairro. Dessa forma, buscamos identificar de que maneira as notícias sobre violência relacionadas ao bairro de São José afetam o cotidiano de seus moradores, especialmente, como o medo estabelecido interfere nas suas perspectivas de identidade e alteridade.

Neste capítulo, buscarei apresentar as bases teóricas para uma compreensão sociológica deste problema, elaborando categorias que serão trabalhadas ao longo da pesquisa. Para isto tentarei, inicialmente, situar este problema em meio a uma discussão mais ampla e que tem adquirido relevância no cenário contemporâneo: o problema do medo e insegurança.

Sabemos que *“em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo encontra-se presente como uma das principais forças organizadoras do social”* (KOURY 2005: p. 7). Contudo, se tomamos o discurso recente da mídia temos a impressão de que estamos vivendo numa época marcada pelo medo. Para entender essa mudança ou proliferação do problema do medo, podemos seguir a perspectiva de Zigmunt Bauman. Segundo ele, o medo se apresenta como um elemento de difícil delimitação e se desenvolve de várias formas:

“O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. De algo que ingerimos e de algo com o qual nossos corpos entraram em contato. Do que chamamos “natureza” (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos inundações, deslizamentos, secas e ondas de calor) ou de pessoas (prontas, como dificilmente antes em nossa memória a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a súbita abundancia de atrocidades terroristas, crimes violentos, agressões sexuais, comida envenenada, água ou ar poluído)”. (BAUMAN, 2008: p.11).

Nesse sentido, a proliferação do medo se reafirma ou, em outras palavras, se torna mais presente, justamente pela maneira difusa como ele se estabelece. Esse medo difuso ou “líquido”, que é como Bauman denomina o medo na modernidade, se distingue por estar em toda parte e poder assumir as formas mais variadas. O autor ainda acrescenta que esse medo tão fortemente presente na vida moderna é algo que se configura aos indivíduos como um fator de luta constante. Assim,

“(…) a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como inadministrável – passaram a ser considerados companhias permanentes e

indissociáveis da vida humana [...] a vida inteira é uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos”. (BAUMAN, 2008: p.15).

Quando Bauman diz que na contemporaneidade a luta contra o medo está presente no cotidiano das pessoas, conseqüentemente, podemos entender que o mesmo estaria reafirmando a perspectiva de Koury (2008). Isso porque em ambas as posições teóricas percebe-se que o medo é um elemento significativo para a forma de organizar o tecido social. Dessa maneira, tanto Bauman quanto Koury acreditam que o tecido social da contemporaneidade estaria mais do que nunca sendo reelaborado a partir da indissociável presença do medo e da insegurança, cada vez mais “pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero são atormentadas por seus próprios medos” (BAUMAN 2008: p. 31).

Outros aspecto importante dessa discussão é a própria luta contra o medo que se torna parte importante da vida social. A tentativa de controlar o medo e a sensação de insegurança está nos planos da modernidade. Para Bauman, a Modernidade teve a pretensão de estabelecer seu projeto de segurança baseado numa perspectiva da Ciência e da Razão e, em contrapartida, a Pós-Modernidade seria uma crítica aos resultados da proposta moderna, revelando os processos de exclusão por ela gerados e buscando outras perspectivas. Ainda, segundo este autor, o que estamos vivenciando hoje é derivado de um processo de modernidade inacabado, ou mesmo fracassado:

“(…) a promessa singularmente moderna e a convicção generalizada que gerou de que, com a continuação das descobertas científicas e das invenções tecnológicas, além das habilidades adequadas e dos esforços apropriados, seria possível atingir a segurança “total”, uma vida completamente livre do medo - que “isso pode ser feito” e que podemos fazê-lo”. Mas as ansiedades crônicas sugerem que obstinadamente tal promessa não pode ser alcançada - que “isso não foi feito”. Quando isso se combina com a convicção de que tal coisa poderia ter sido feita, a frustração das esperanças acrescenta ao dano da insegurança o insulto da impotência – e canaliza a ansiedade para um desejo de localizar e punir os culpados, assim como de ser indenizado/compensado pelas esperanças traídas. (BAUMAN, 2008: p.170).

Bauman está tentando apresentar uma explicação para a disseminação da angústia na experiência contemporânea devido a crescente onda de medo e, por isso, traz a idéia de que a nossa experiência hoje está calcada na lógica de medo e de insegurança. Segundo ele, isso ocorre pelo fato de termos herdado as conseqüências do fracasso do projeto moderno. Esse questionamento é relevante para que possamos pensar a normalidade ou não do medo como é apresentado pela mídia, e se estaríamos realmente vivendo uma época de mais insegurança. Bauman tenta elaborar uma resposta a partir da idéia de que o medo atual se caracteriza por uma falta de previsibilidade em relação à ação do “outro”, o que provocaria uma “ação defensiva” interferindo na base de interação dos atores modernos. Assim, “*podemos dizer que a variedade moderna de insegurança é marcada pelo medo principalmente da maleficência humana e dos malfeitores humanos*” (BAUMAN 2008: p. 171). Dessa forma:

“O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias. Se dificilmente precisa de qualquer

outro estímulo externo é por que as ações que incita dia após dia fornecem toda a motivação, todas as energias exigidas para mantê-los vivo, expandindo-se e florescendo.[...] o ciclo do medo e as ações por ele ditadas não prosseguiriam ininterruptamente nem ganhariam velocidade se não extraíssem sua energia dos *tremores existenciais*. (BAUMAN, 2008: p. 173)”.

A angústia provocada pela intensa percepção de insegurança e de ‘medo do outro’ traz outra margem de atuação dos atores sociais que agora tentam lutar contra esse “mal-estar” e buscam solucionar o problema com base nos mais diversos tipos de planos e projetos.

O clima de tensão e de insegurança contemporâneo contraria o próprio projeto da modernidade que tinha a pretensão de livrar a humanidade do medo e dos riscos de sua extinção. Na verdade, *“esta nossa vida tem se mostrado diferente do tipo de vida que os sábios do iluminismo e seus herdeiros e discípulos avistaram e procuraram planejar”* (BAUMAN, 2008:15).

Pode-se dizer que as previsões iluministas não estão de acordo com o cenário visto hoje. Mais ainda e mais do que nunca, estamos diante da tentativa de livrar os indivíduos da intensidade do medo e da sensação de insegurança. Essa idéia é refletida na atual presença no discurso midiático de uma necessidade aparentemente urgente de formular ações táticas contra a violência, implementando medidas que visem atenuar o clima de medo e de insegurança. Bauman resume o problema da seguinte maneira: *“a insegurança alimenta o medo: não há novidade, portanto, no fato de que a guerra à insegurança tenha grande destaque na lista das prioridades dos planejadores urbanos* (BAUMAN 2009: p. 68)”.

Assim, é importante perceber que esse é outro aspecto trazido para a discussão aqui apresentada: que a segurança, ou melhor, a busca por segurança no cenário urbano representa uma das principais demandas dos indivíduos na sociedade contemporânea. Para entendermos os programas sobre violência e o que ocorre no Bairro de São José, não podemos deixar de lado o grande debate nacional sobre segurança pública. Não vou tratar desse problema especificamente, mas é importante perceber que as notícias da cidade de João Pessoa estão, de alguma maneira, ligadas a um problema mais amplo. Segundo Souza:

Não é sequer possível pensar em continuar usando impunemente expressões como “desenvolvimento urbano” se não se perceber que, de umas poucas décadas para cá, o medo e a violência vem cada vez mais se apresentando como fatores de condicionamento das relações sociais e de modelagem do espaço nas cidades, e não só nas grandes - e de uma forma assaz e preocupante. (SOUZA, 2008: p.13).

A partir dessa discussão podemos afirmar que o medo do “outro” nos espaços urbanos interfere na forma como os indivíduos se relacionam. Ainda, o crescimento da sensação de medo e de insegurança parece estar, de alguma maneira, relacionado ao papel da mídia, pois vem crescendo o número de programas que apresentam as notícias sobre violência. Parece que notícias que tratam de crimes e da violência urbana traz audiência aos programas de televisão, assim como aumenta o número de vendas dos jornais.

Dessa maneira, apesar de não podermos determiná-lo com precisão, não podemos descartar o papel da mídia na intensificação do medo. As notícias sobre violência podem desencadear uma maior sensação de insegurança e impulsionam os indivíduos a refletirem

acerca dos que cometem os crimes. Assim, as notícias sobre violência e crimes levam os atores a um processo de reflexão, não só sobre sua vida, mas também sobre os “outros”. Essa dimensão de pensar sobre a vida, sobre o que é bom ou mal, sobre os outros e o caráter de sua ação, é o terreno da moralidade discutido aqui, a partir das notícias de violência. Portanto, os programas locais intensificam tal reflexão e impulsionam os atores a pensarem em uma possível crise da “moralidade”. Isso pode trazer proporções não compatíveis com o número de casos de violência ocorridos. É que a sensação de insegurança pode ter relação com a maneira como os casos são divulgados, e, portanto, tal sensação estaria ligada ao processo de repercussão de determinada notícia.

Por isso vale salientar que “*a criminalidade violenta e a sensação de insegurança não necessariamente mantêm entre si uma relação linear*”, isso ocorre pelo fato de que provavelmente (com a espetacularização dos fatos sobre violência) a percepção de insegurança pode se acentuar mais do que o quadro de ocorrências registradas em determinada localidade. E segundo Souza (2008: p.30):

Isso acontece, entre outros fatores, porque a mídia, comumente se encarrega de amplificar e retroalimentar o medo. O crime rende boas manchetes, o medo do crime vende jornais e encontra ampla audiência – da mesma forma que, cada vez mais, o medo do crime rende bons negócios [...] o medo do crime encontra, em um contexto em que o ser humano se mostra particularmente vulnerável a irrupções de tal sentimento, sob o efeito do (assim percebido) “clima de guerra civil”.(SOUZA, 2008, p. 30).

Dessa forma, podemos afirmar que a idéia da presença do medo enquanto elemento fundamental para entender a construção da sociabilidade (KOURY, 2008), e a idéia de que há uma maior intensidade do medo na contemporaneidade (BAUMAN, 2009) são perspectivas importantes para observar a atual luta dos atores contemporâneos que estão em busca de segurança ou, ao menos, da sensação de segurança. E, partindo das reflexões morais possivelmente acionadas pelas notícias de violência, o indivíduo moderno tem seus temores atribuídos aos “outros” indivíduos. Isso porque o projeto da modernidade que se incumbiu em programar a proposta emancipatória fracassou.

Assim, como afirma Bauman (2009), o medo agora tem outras proporções e cabe tentar observar até que ponto essa mudança na lógica do uso do medo teve implicações nas formas de sociabilidade da modernidade e da construção da identidade “nós/eles”. Para iniciar essa observação de caráter sociológico vamos partir da idéia de que a sensação de medo e de insegurança intensifica a tensão na própria interação dos atores no âmbito urbano. Então, se há uma perspectiva de que as pessoas estão sob ameaça, aqui queremos refletir sobre quem (ou que grupo) é reconhecido como o culpado pela violência a partir de uma análise de construção das identidades grupais. Essas indagações passam a fazer parte da lógica da reflexão acerca da realidade da vida no âmbito urbano. A percepção acerca do medo, insegurança e as reflexões sobre as suas causas passam a influenciar as formas de interação entre os atores sociais.

Para pensarmos mais profundamente sobre as indagações feitas acima, precisamos tratar da análise da dinâmica da interação social. Para isso, seguiremos a abordagem de Norbert Elias na tentativa de perceber como os atores respondem a pergunta: quem provoca a violência? Ou melhor: como podemos entender sociologicamente que grupo é identificado como sendo ameaçador?

Em “Os Estabelecidos e Outsiders”, Norbert Elias discute os processos de interação em um contexto específico. E, além de estudar a maneira como os grupos sociais se distinguem e se organizam com base na diferença, enquanto processo de reconhecimento e construção de identidades, o autor vai também criticar a perspectiva marxista de que as distinções sociais só se constituem enquanto há desigualdades de classe.

Para Elias, as distinções étnicas, raciais ou de ordem religiosa, não seriam mais importantes ou fundamentais, afinal, ele acredita que as distinções são inerentes a própria sociabilidade estão presentes em todos os processos de interação grupal. Então, como pensar a gênese desse processo social de construção das distinções grupais, os quais vão produzir as noções de identidade “nós” e identidades “eles”? Por que os contextos sociais e, sobretudo o contexto específico estudado por ele, tende a se mostrar ou a se estabelecer enquanto um contexto de diferenciação e distinção social (mesmo sem um elemento objetivo que legitime as diferenças entre os grupos)? Segundo o autor, esse processo de distinção social, estaria ligado à própria lógica de reconhecimento identitário dos grupos sociais, esse processo contribui, portanto, com a formação da própria auto-imagem grupal. E a legitimação da diferença, que justifica as “distinções”, é um processo construído socialmente a partir de uma rede de interações.

No momento em que chama a atenção para a produção da ‘auto-imagem grupal’ (como fonte de influência na balança de equilíbrio de poder), o autor estaria também evidenciando como esses processos de produção de identidades se fazem inerentes ao processo de sociabilidade ao longo da história:

“(...) essa auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se tratem de quadros sociais, como senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos negros, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes, quer, como no caso Winston Parva, de uma povoação da classe trabalhadora, estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança, os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos vêm-se como pessoas melhores, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos seus membros e que falta aos outros.” (ELIAS, 2000: p.19- 20).

Diante disso, a própria noção de um carisma grupal só se estabelece quando é construída a ‘auto-imagem’ dos grupos que pretendem se distinguir, e na balança de poder o grupo com posição *inferior* seria aquele que recebe as *atribuições negativas*. Isso ocorre porque a produção dos processos de distinção social, os quais desencadeiam a formação de uma identidade grupal, só é possível a luz de processos de produção dos estigmas.

“(...) o estigma social que seus membros atribuem ao grupo dos outsiders transforma-se, em sua imaginação, num estigma material - é coisificado. Surge como uma coisa objetiva, implantada nos outsiders pela natureza ou pelos deuses. Dessa maneira, o grupo estigmatizador é eximido de qualquer responsabilidade: não fomos nós implica essa fantasia que estigmatizamos

essas pessoas e sim as forças que criaram o mundo - elas que colocaram um sinal nelas, para marcá-las como inferiores ou ruins. (ELIAS, 2000: p. 35).”

Segundo Elias: *“não é fácil entender a mecânica da estigmatização sem um exame mais rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo entre outros e, por conseguinte, de seu próprio status como membro desse grupo”* (ELIAS, 2000: p.25-26). Assim, não podemos dissociar essa idéia eliasiana daquela abordagem de Erving Goffman sobre a produção dos estigmas. É possível encontrar convergências entre Elias e Goffman, pois como disse o primeiro: tal produção estigmatizante estaria amplamente associada à própria produção das identidades grupais. Segundo Goffman:

“A característica central da situação de vida do indivíduo estigmatizado, pode, agora, ser explicada é uma questão do que é com frequência, embora vagamente chamado de “aceitação”. Aqueles que têm relação com ele não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco a essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem. (GOFFMAN, 1980: p. 18).

A identidade do indivíduo estaria associada à identidade social. Goffman acredita que *“as identidades social e pessoal são partes, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão”* (GOFFMAN, 1980: p.116). Isto implica em dizer que a ausência de confiança, o medo e o sentimento de insegurança presentes nos processos de interação dos atores no âmbito urbano fomentam um processo de distinção grupal. E isso é refletido a partir do instante em que se busca responder as perguntas: “quem” ou “o quê” provoca o medo. Ao responder essas perguntas conseqüentemente haverá, por parte dos indivíduos, uma leitura acerca do status grupal em contextos variados (indicando quem poderá receber o rotulo de grupo ameaçador). E no momento em que determinado grupo passa a ser classificado como o responsável por ameaçar a integridade física e moral dos outros atores, o processo de distinção foi estabelecido.

A partir do exposto acima, podemos pensar no papel que o medo exerce na formação das identidades e, conseqüentemente, na organização dos valores dos grupos sociais. Koury (2005) enfatiza a importância das análises dos processos de sociabilidade que, a partir do medo, culminam com as percepções de semelhança e dessemelhança entre os atores sociais. O medo se faz presente enquanto elemento não só de ordenação, mas como algo que é constituído a partir das percepções das identidades individuais e coletivas. Dessa maneira, percebemos que o medo trabalhado a partir desta perspectiva é uma categoria que condiciona a própria moralidade ou, em outros termos, como os atores julgam o que é bom, mau, correto e incorreto na vida. Assim, o medo está relacionado à construção de laços de semelhança e dessemelhança no cotidiano, e conseqüentemente, também está relacionado à elaboração de valores e julgamentos morais. Por isso:

“É o medo que exerce o próprio exercício da semelhança, ou a busca de novas formas discursivas no interior ou no exterior de uma comunidade específica. [...] o medo se coloca como fundamental para se pensar os embates de configuração, os processos de sociabilidade e de formação dos

instrumentos da ordem e da desordem que se desenham dialeticamente a ação dos sujeitos e grupos em relação”. (KOURY, 2005: p.13).

Só é possível observar sociologicamente os embates e processos que redesenham construção das redes de sociabilidade se entendermos de que maneira as percepções de identidade e de alteridade (portanto de semelhança e dessemelhança) podem contribuir para o entendimento do processo de construção da própria identidade grupal. Nesse sentido, a categoria de “medo” permite entender os espaços de contato e as redes de sociabilidade em determinado contexto. Também podemos afirmar que a construção da moralidade, enquanto a esfera de preocupação com a vida correta ou justa e formada também nos processos de semelhança e dessemelhança, passa a ser permeada pelo medo.

CAPÍTULO II

CONHECENDO O BAIRRO DE SÃO JOSÉ

Nesse capítulo apresentarei a minha experiência no Bairro de São José. Pretendo apresentar como conheci o seu cotidiano e saí de uma experiência de distância para uma experiência de proximidade, relatando como obtive acesso ao bairro e aos moradores, fazendo das minhas dificuldades e impressões sobre a comunidade parte da pesquisa. Em seguida, tento trazer à tona a voz dos moradores, suas interpretações sobre as notícias de violência e o impacto destas na comunidade, algo que não faz parte do discurso midiático.

Antes de iniciar minhas visitas, realizei uma primeira espécie de contato com o bairro através de uma pesquisa nos telejornais locais. O Bairro de São José está sempre presente nestes noticiários e é possível dizer que as notícias são negativas e os comentários pejorativos. Nesse sentido, o bairro é uma espécie de “personagem” das histórias tristes de João Pessoa. Para ter um conhecimento prévio deste perfil midiático, no período de julho a setembro de 2009 acompanhei sistematicamente os telejornais locais do meio-dia: “Caso de Polícia” (TV Tambaú), “JPB” (TV Cabo Branco), “Correio Verdade” (TV Correio) e “Cidade em Ação” (TV Arapuã). Nesse período pude me familiarizar não só com os programas, mas também com a linguagem utilizada para tratar da violência e como esta linguagem cria uma visão da cidade de João Pessoa. Pude perceber que todos eles reafirmam a idéia de que a violência assola a cidade, de que estamos vivendo uma época diferente e mais perigosa onde as drogas (especialmente o *crack*) estariam destruindo a juventude e, ainda, a falta de um controle familiar maior contribuiria para esse quadro. Um dos focos principais do discurso compartilhado por esses programas é a idéia de uma ‘ausência de valores morais’ devido a falta de imposição de regras pelos pais, tornando o problema da violência um problema de caráter privado.

Após acompanhar esses programas, durante todo o período restante da pesquisa passei a seguir apenas aos programas de maior audiência, e foi assim que selecionei os programas “Correio Verdade” e “Cidade em Ação”. O fato de que estes programas possuem maior audiência se reflete nos próprios apresentadores (Wagner Moura e Samuca Duarte) que “trocam farpas” e realizam uma espécie de debate midiático sobre quem estaria mais ao lado da verdade, e tentam assumir a liderança na audiência através de uma competição por mais imagens exclusivas, sem ‘maquiagem dos fatos’. Neste embate, ganha quem apresentar mais a verdade ‘nua e crua’. Também existe uma disputa com relação ao perfil dos apresentadores onde o primeiro faria um estilo mais “equilibrado” e o segundo seria mais intransigente e agressivo. O primeiro, Wagner Moura, tenta apresentar um perfil que, segundo alguns telespectadores, seria “culto”: sem agressividade, de roupas elegantes, falando pausadamente e centrando seu discurso no papel da família e das regras religiosas. Samuca Duarte se apresenta como o oposto, em sua performance, normalmente, grita e clama por justiça, podendo chegar até a chorar (como no caso da Chacina do Rangel).

Apesar das diferenças entre os apresentadores e os programas, o Bairro de São José é apresentado de forma similar em ambos. Apesar disto estar mudando, recentemente, quando iniciei minha pesquisa o bairro de São José era uma referência em ambos os programas. A ele estava relacionado todos os crimes e delitos da região de Manaíra. A comunidade era identificada como a fonte da criminalidade e do perigo, povoado por ‘desordeiros’, ‘vagabundos’ e ‘vândalos’. Sobretudo, o bairro era apresentado como uma ameaça aos moradores das áreas circunvizinhas. É importante dizer que esse discurso mudou

recentemente por causa das cartas e telefonemas de moradores do bairro dizendo que se sentiam injustiçados, que eles são ‘honestos’, ‘trabalhadores’ e de boa índole, não merecendo aquela generalização. Agora, o discurso da ameaça permanece, mas existe sempre uma ressalva inicial por parte dos apresentadores que afirmam que não estão acusando todos os moradores, mas só um pequeno número de pessoas não mereceriam “o cuidado com as palavras” (Samuca), e que “não é possível generalizar” (Wagner Moura).

De uma maneira geral, o bairro é descrito como o foco da violência e tem paralelos apenas com o Bairro de Mandacaru. Na verdade, os dois bairros alternam a presença nos programas, havendo períodos em que aquele também se torna a fonte de perigo da cidade. Ainda de acordo com o discurso desses programas, as gangs dos dois bairros teriam uma forte ligação: circulando entre as comunidades, trabalhando juntos para eliminar quem não salda dívidas (com o tráfico). Contudo, o foco aqui será apenas a comunidade de São José. Ainda com relação às notícias, ou como a comunidade de São José é construída pela mídia, pode perceber uma certa rotina das notícias. Assim, a segunda-feira seria o dia onde há mais probabilidade de haver notícias de casos violentos ocorridos em São José e nas suas imediações. Dentro do bairro, os conflitos são normalmente brigas por dívidas (não necessariamente do tráfico), por traição, disputas de vizinhos. Nas imediações, geralmente ocorrem furtos e arrombamentos. Essas notícias são apresentadas na segunda-feira e, geralmente, perduram pelo resto da semana ou até que algo mais ‘especial’ aconteça.

Dessa forma, os noticiários criaram uma imagem do bairro de São José como sendo um lugar ameaçador, fonte de violência e perigo. Comecei a pesquisa consciente dessas imagens e acompanhar os programas me ajudou uma vez que, estando em São José, pude falar com os moradores sobre esses programas e perceber como eles se relacionavam com esse discurso criado pela mídia, como suas vidas eram transformadas.

Mesmo sabendo que o que organizava esse discurso da mídia era a necessidade do espetáculo e que muitas vezes o que os apresentadores tentam é criar ‘pânico moral’, tenho que admitir que, antes de conhecer o bairro, também sentia medo. Quando observava a comunidade de longe, de dentro do shopping, imaginava que seria muito difícil ter acesso aquela comunidade: acreditava que era uma comunidade fechada e que evitaria o contato com estranhos. Algumas vezes fui impedida de observar a comunidade a partir do estacionamento do shopping, pois os seguranças vinham e me retiravam de lá, alegando que aquela era uma ‘área de risco’.

Assim, antes de estabelecer o contato com os moradores, minha primeira preocupação foi a de conseguir entrar no local com segurança. A princípio, até as pessoas que, inicialmente, se dispuseram a me levar até lá (entre elas uma técnica em enfermagem e um ex-frequentador do lugar) se recusaram a ir até o local. A técnica em enfermagem informou-me que não poderia mais me levar por que não estava mais trabalhando no PSF (Posto de Saúde Familiar) do Bairro. Então, pedi que ela me indicasse outra técnica, mas ela se recusou de imediato, justificando que “não queria se comprometer”. Contudo, o primeiro contato foi estabelecido (já nas proximidades da comunidade) com uma moradora do bairro. Isso aconteceu de forma inesperada, pois num momento em que eu falava com uma funcionária do shopping (no ônibus) sobre as dificuldades de entrar no bairro e conversar com as pessoas, uma moradora de São José ouviu minha fala e, de imediato, se apresentou como moradora e me levou até a sua casa. Lúcia³, 37 anos, empregada doméstica, se apresentou e se disponibilizou a me levar até sua casa, durante o percurso ela falou diretamente sobre o

³ Todos os nomes apresentados aqui são fictícios para proteger a identidade dos informantes.

preconceito que sofria por morar naquele bairro. Lúcia me recebeu em sua casa, onde morava com a filha, o marido e um sobrinho há sete anos. Contou-me que nunca aconteceu nada com ela nem com ninguém de sua família e que, portanto, não tinha como ter medo das pessoas do bairro. Para ela, na verdade, o maior problema era o preconceito que sofria fora do bairro enquanto moradora de São José. Fiquei muito surpresa com essa recepção tão aberta e generosa, o que muito rapidamente desfez a minha imagem do bairro que tinha sido formada pela televisão.

Finalmente, obtive acesso ao bairro, por muitas vezes visitei Lúcia que se tornou minha informante principal. Estando lá, não tive receio algum, nenhuma razão para sentir medo e pude observar o cotidiano dos moradores. Em São José existe um pequeno comércio organizado pelos moradores mais antigos com padarias, armazéns, salão de beleza, escolinha infantil e etc. A maioria desses estabelecimentos estão localizados na Rua Edmundo Filho (principal do bairro) que atravessa toda a comunidade (ver fotos em anexo). Ao fazer a travessia, você consegue perceber que os pontos comerciais são na maioria, senão em toda parte, lojas ou estabelecimento que ficam ao lado das residências dos seus proprietários. Isso mostra que as pessoas foram construindo pontos comerciais ao lado ou na parte térrea das suas casas, e a residência da maioria das pessoas que entrevistei tinham essa estrutura dual de comércio e domicílio. Muitas casas se dividem em duas ou até mais para que o espaço fosse transformado em outra moradia com a finalidade de aumentar a renda da família através do aluguel. Lúcia, por exemplo, morava na metade de uma casa, a qual foi adaptada para que fosse alugada. Fora da rua principal há muitas vilas, becos vielas sem saída, muitas casas são pequenas ou aparentemente bem pequenas em comparação com as casas da rua principal. Essas casas mais simples geralmente não possuíam comércio algum, e quando havia algum eram de pequenos “fiteiros” (espaço dentro da própria casa que vendia balas e guloseimas) e as negociações eram feitas na janela da casa. Há também um grande número de botequins que misturam o ar de casa e de bar. Na verdade existe uma grande heterogeneidade de residências e estabelecimentos comerciais, todos muito desiguais, apresentando-se em escala de pequeno, médio e grande porte.

Como o passar do tempo, pude observar que existem possibilidades de contato entre os moradores do João Agripino (bairro vizinho de classe média) e os moradores do São José. Isso ocorre por que alguns moradores do conjunto João Agripino descem as escadas e rompem as fronteiras entre os dois bairros para irem até a padaria ou mercadinhos para fazer algumas compras. Mesmo constatando as idas de alguns moradores do Bairro João Agripino ao Bairro São José, não se pode afirmar que os conflitos ou as tensões são inexistentes entre esses vizinhos. Na verdade, existe um conflito simbólico que pode ser percebido a partir da utilização do transporte público daquela área. Cobradores, motoristas e, principalmente, um fiscal que trabalhava há dez anos no ponto final do ônibus me informaram que, os moradores do João Agripino evitavam pegar o ônibus que carrega o nome “São José” no painel frontal do coletivo, mesmo que tal coletivo passasse nas proximidades de suas residências. Eles só pegavam o “carro certo”, ou seja, aquele que carregava o nome do bairro João Agripino, ainda que a travessia fosse a mesma. Para os moradores do São José não há muita diferença: eles pegam tanto o ônibus “São José” quanto o “João Agripino”. Contudo, não é comum entrar no ônibus “São José” e ver alguém que seja do bairro João Agripino. Quando indaguei aos meus “informantes” a respeito disso, eles imediatamente respondiam que os moradores do João Agripino tinham “medo e preconceito”, muitos evitavam pegar os coletivos pelo simples fato de que em ambos havia a possibilidade real de encontrar moradores do bairro São José. Segundo os próprios moradores do Bairro São José, os vizinhos têm receio de que eles

possam vir a ser alvo de furtos ou de contatos indesejados. Segundo Antônio, um fiscal de empresa de ônibus, mesmo que muitos meninos em idade escolar da comunidade São José fossem honestos o preconceito era generalizado. Como exemplo da honestidade das crianças, ele contou que os estudantes às vezes não tinham sequer o dinheiro da passagem de ida para a escola e os motoristas e cobradores normalmente permitiam a viagem, contudo, tais garotos (na maioria das vezes) retornavam no dia seguinte com o dinheiro da passagem do dia anterior e saldavam a dívida.

No período de outubro de 2009 a julho de 2010, visitei o bairro quase que semanalmente. Costumava a passar a tarde e terminei por conhecer várias famílias, visitei muitas casas e conversei com pessoas nas mais diferentes posições dentro do bairro. Lúcia em apresentou a Sérgio, 32 anos, cabelereiro, que vive no bairro há 30 anos. Muitas vezes fui conversar no seu salão e acabava mantendo contato com seus fregueses. O melhor dia normalmente era a sexta-feira quando o fluxo de clientes no salão era bem intenso. As pessoas normalmente ficavam interessados em saber o que eu estava fazendo ali e quando eu dizia que estava pesquisando sobre a audiência dos programas de notícia, normalmente se mostravam dispostos a falar. Algumas vezes pedi permissão para utilizar o gravador e, geralmente, algumas pessoas se recusavam a falar, outras falavam, mas passavam a usar um tom formal, diferente das conversas que não eram gravadas. Também foi importante os contatos que mantive no ponto final do ônibus “São José” da empresa de transporte “Marcos da Silva”. Lá conversei algumas vezes com os motoristas e cobradores que moravam em outros bairros, mas davam algumas explicações sobre o funcionamento do São José e a forma como os moradores do referido bairro mantinham contato com o bairro vizinho, João Agripino. Assim, fui aos poucos percebendo como era estabelecida a sociabilidade moradores da comunidade.

Durante toda a pesquisa os meus principais contatos foram seis moradores do bairro: Lúcia, Sérgio, Sandra (19 anos, funcionária do shopping), Fátima (32 anos, empregada doméstica), Ana (29 anos, dona de casa), Marta (27 anos, dona de casa). Mas tive muitas conversas rápidas e participei de vários encontros em grupos de pessoas no salão de Sérgio e nas casas de Lúcia e Sandra.

Uma dos problemas que tive que enfrentar inicialmente foi a grande dificuldade de falar sobre o tema da violência. Apesar das pessoas serem gentis e dispostas a me ajudar com minha pesquisa, quando eu tentava abordar o assuntos dos programas de televisão, eles sempre tentavam mudar de assunto, deslocar a conversa. Muitas vezes me prometiam apresentar alguma pessoa para falar sobre aquilo, alguém que tivesse algum problema com drogas ou que morasse perto da ‘Laje’ ou da beira do rio. Esses lugares eram apontados como os lugares ‘críticos’ ou, nas palavras de Lúcia: “o outro lado da estória”. Todos os meus informantes se referiam ao ‘outro lado’, este era o lugar onde realmente eu encontraria a violência. Na verdade, descobri que meus informantes não se identificavam com aqueles programas de televisão quando estes falavam do Bairro de São José especificamente. Quando as notícias eram sobre outros bairros, eles diziam que o programa servia para alertar, para ver a realidade da vida. No caso específico da comunidade em que viviam, eles diziam que aquelas notícias não eram verdadeiras porque, na verdade, muitas vítimas não tinham envolvimento com o crime e, só por serem da comunidade, suas histórias eram deturpadas para aparecer na televisão. Para eles, os programas de televisão, quando se tratava de São José, generalizava para toda a comunidade um problema que era específico - os que estavam do ‘outro lado’.

Quando falavam do ‘outro lado’, os moradores estavam se referindo a região do bairro em que o acesso se dá pela Avenida Rui Carneiro, onde ficaria a “Laje”. Esse lugar apareceu em todas as conversas, juntamente com a beira do rio, como os responsáveis pela má fama da comunidade. Assim, de uma certa maneira, minha pesquisa mudou de rumo pois não consegui falar sobre os programas propriamente. Os programas estão identificados com a violência e, para meus informantes, a violência está ‘do outro lado’. Muito rapidamente, eles queriam se distanciar desse assunto e mudar o foco da conversa. Como queriam ser gentis, se ofereciam para me levar a alguém que me poria em contato com ‘o outro lado’, mas deixavam muito claro que não tinham nada a me dizer sobre aquele assunto. Foi a partir dessa experiência que o foco de minha pesquisa mudou: continuei pensando na relação entre medo e moralidade, mas saí do foco exclusivo do papel das notícias para tentar entender esse processo de distinção e diferenciação de grupos.

2.1 O distanciamento do lugar no lugar

Ainda sobre minha experiência, é preciso chamar atenção para outro aspecto que considero importante: a perspectiva de distanciamento que foi muito forte inicialmente. Na verdade, o fato é que, nos primeiros meses, mesmo estando lá, convivendo com as pessoas e sendo bem recebida eu me sentia distante, tinha a sensação de não pertença e tal sensação era reforçada pelos olhares dos moradores sobre mim. Eu diria que essa experiência foi marcante, pois sentia (através dos olhares dos moradores) que eu não fazia parte do lugar e isso me causava certo desconforto. No começo, o mais difícil de lidar não foi o medo de estar em um lugar estigmatizado, do qual eu já tinha ouvido notícias negativas por meses, e sim os olhares de alguns moradores sobre mim denunciando a curiosidade a respeito da minha presença na comunidade. Eu me sentia como um ‘outro’, a de ‘fora’ e essa sensação era algo difícil de lidar.

Com o passar do tempo, fui conhecendo um e outro morador, e observando a rede de sociabilidade no bairro. Isso me levou a percepção de que o bairro era bastante heterogêneo: circulavam pelas ruas estudantes, evangélicos, mulheres saindo da comunidade para trabalhar como empregada doméstica em bairros considerados estabelecidos, donos de bares ou de mercadinhos, jovens considerados perigosos, jovens viciados em drogas, etc. Na maioria das vezes, eu pude observar que essas diferentes posições representavam diferentes identidades e vozes sobre o que era a vida na comunidade. A rua principal do bairro, Rua Edmundo Filho é agitada e representa um espaço de sociabilidade muito dinâmico: pode se ver evangélicos a caminho da igreja, pessoas vindo do trabalho em bicicletas e “johny” (motocicletas), meninas muito jovens passando com crianças de colo, catadores de latas de alumínio, adolescentes conversando nas calçadas junto de suas bicicletas, homens e mulheres com som ligado às alturas sentados em frente as suas casas, bebendo e conversando (especialmente nos fins de semana). Assim, na sexta-feira o clima do bairro era diferente, pois a maioria das pessoas interagia com os vizinhos e pareciam festejar a chegada da véspera do fim de semana. Este, quando não representava a visita a parentes que moravam fora da comunidade, representava as conversas nas calçadas, bebida e lazer.

Se fossemos pensar numa pirâmide social da comunidade, no topo ficariam os pequenos comerciantes do bairro que moram principalmente na rua principal. Existe uma grande variedade de estabelecimentos comerciais e de serviços no próprio bairro. E, acerca desses estabelecimentos, pude observar a existência de lanchonetes, padarias, mercearias,

mini-mercadinhos, oficinas de bicicleta, oficinas de carro, locadoras de CD e DVD, uma grande variedade de bares, salão de beleza, casa de festas para aniversário, sorveteria, várias igrejas, várias lan houses, lojas de compra e venda de mercadorias usadas, dentre outras coisas.

Depois, abaixo viriam os muitos moradores que trabalham nas residências dos bairros de Manaíra, Tambaú e Cabo Branco. Na maioria das vezes são mulheres que trabalham como domésticas, babás ou acompanhantes de pessoas idosas. E no caso dos homens, eles exercem usualmente as funções de porteiro ou jardineiro. Também, nesse grupo intermediário há muitos moradores recém-chegados das cidades do interior do estado que conseguem emprego no Shopping Manaíra, (na maioria das vezes na praça de alimentação) como garçons, cozinheiros etc. A maioria desse grupo se localiza numa parte também ‘nobre’ do bairro: eles costumam alugar quartos ou quitinetes em vilas localizadas em ruas paralelas à principal.

Numa outra área do bairro, mais próximo ao rio e relativamente distante da rua principal vivem os moradores mais pobres. Essa seria a base da pirâmide, e os que moram lá são geralmente excluídos dessa rede dinâmica que se estabelece na rua principal. Pela proximidade do rio, esta área está sujeita a alagamentos, não possui coleta de lixo nem saneamento, algumas vezes o odor na área é muito forte, chegando até a avenida principal. Alguns desses moradores atuam como catadores de papelão nas áreas próximas ao shopping, alguns costumam trabalhar como pedintes nos sinais próximos ao shopping (fazendo malabarismos, levando crianças). Contudo, é importante notar que também existe uma divisão na beira do rio: os moradores do lado mais próximo a BR-230 tem uma posição um pouco superior. Pois, segundo Lúcia me explicou a distinção seria dada porque estes seriam “apenas pobres”, enquanto os outros, os que moram mais próximos à Laje, “além de pobres são marginais”.

Por fim, existe um grupo ao qual não é possível atribuir precisamente um lugar nessa pirâmide social porque não é possível identificá-los como um grupo localizado na comunidade, eles seriam apontados individualmente. Muitas vezes eu estava conversando com algum dos informantes e eles apontavam essas pessoas passando: são aqueles que ganham a vida de forma ilícita, como batedores de carteira, furtando e roubando pessoas que transitam pelos arredores do shopping. Não tive contato com ninguém desse grupo, eles simplesmente foram apontados e eram em sua maioria jovens, do sexo masculino, andavam geralmente bem vestidos, seguindo uma moda jovem com bonés, camisas e tênis de marcas famosas.

A partir desse mapeamento bairro duas coisas ficaram claras: primeiro, a idéia de que o Bairro de São José é homogêneo e existiria uma identidade única de ‘morador de São José’ é falsa. Normalmente, quem acredita nisso é porque não conhece a comunidade. Segundo, o ‘outro lado’ onde os moradores queriam me levar quando eu perguntava sobre a violência se referia a área da Laje e da beira do rio, onde moravam aqueles que “além de pobres eram marginais”. Os jovens do último grupo a que me referi não moram necessariamente nessa área, mas são identificados com eles - seriam representantes do ‘outro lado’.

2.2 As notícias

Após ter me tornado mais próxima das pessoas e mais conhecida na área, consegui finalmente conversar sobre os programas. Grande parte dos moradores acompanha os programas policiais locais, e isso acontece por que, segundo eles, têm o interesse de se “atualizar” e ficar por dentro das notícias do dia. Essa foi uma das respostas mais recorrentes

que obtive quando perguntei por que eles assistiam aos programas. Uma das moradoras declarou:

“Eu quero saber das notícias do dia a dia, mas na verdade eu não sou muito chegada [...] por que passam muitas mortes, violência e eu não gosto [...] passa os jovens todos se drogando, morrendo cedo, principalmente as jovens que são assassinadas por conta de dívidas com traficantes.”(Sandra)

Outra moradora comenta sobre a influência de tais programas na vida do bairro. Pelo comentário dela podemos perceber como os programas afetam a sociabilidade do bairro:

“É um programa que transmite a verdade para que as pessoas vejam a realidade, para que todos vejam que aquilo não é mentira, que tudo isso está acontecendo e acontecendo principalmente com os jovens. Por que o que mais se vê por ai é jovem sendo morto; essa é a realidade, mas mesmo assim as pessoas não prestam atenção. Muitas têm o interesse de ver, para focar, para falar sobre os acontecimentos em determinados locais, e principalmente aqui; para saber quem morreu, quem foi preso, para saber o que está acontecendo; e de depois comentar. [...] Todos começam a dizer: OLHA! Aquela pessoa morreu! Aquela foi presa! E Quando são conhecidas, as pessoas ficam falando, comentando. Umas dizem ter dado conselho, outras dizem que foi merecido, e assim vai (...).” (Ana, depoimento obtido em abril de 2010).

Embora essas notícias intensifiquem as fofocas e os comentários, não percebi uma surpresa dos moradores em relação aos crimes ocorridos “por conta de dívidas com traficantes” envolvendo os jovens da comunidade. Isso ocorre pelo fato de que existem julgamentos morais feitos acerca da conduta das vítimas. Uma das entrevistadas comparou as notícias que envolvem “pessoas de bem” (as quais não tem envolvimento com drogas), com as notícias em que as vítimas têm envolvimento com o tráfico: esses últimos são considerados “culpados pelo seu fim”.

Essas análises representam um diagnóstico moral a respeito das trajetórias de vida de certos indivíduos. Nesse julgamento moral, a conduta das vítimas é um elemento que está presente na reflexão dos moradores. Por isso, essa moradora deixa muito clara a idéia de que não se surpreende com os homicídios ocorridos no bairro, segundo ela: “isso é algo de se esperar”. Quando lhe perguntei o que sentia ao ter conhecimento dos homicídios envolvendo os jovens do bairro, ela me disse que só ficava impressionada quando a vítima não tinha ligação direta com o tráfico. Mas, como (na maioria das vezes) os jovens da comunidade são envolvidos com o crime, ela não se surpreende com a notícia. Assim diz a moradora:

“(...) quando é um jovem que trabalha que não está na marginalidade, e que vive outra situação sim, eu fico impressionada, mas aqui no bairro! Aqui não! Por que os meninos procuram isso a toda hora, a todo instante eles procuram morrer e isso não surpreende agente, é uma coisa que você já acha que vai acontecer, e se não acontece hoje acontece amanhã”. [...] é tanto que quando alguém nos dá a notícia: *Fulana sabe quem morreu?* Cicrano! Respondemos: *foi... A ta... Certo.* É algo que você já sabia que estava para acontecer, por que antes de morrer geralmente, todo dia estão sendo presos

pela polícia, ou em conflito com traficantes e policiais. Então qual é a expectativa de vida para uma pessoa dessas? Não é morte? É triste mais é a realidade.” (Lúcia, depoimento obtido em março de 2010).

Além dessa previsibilidade em relação aos fatos que são noticiados sobre os “meninos” do bairro, existe outra questão que se fez presente em várias falas: o conhecimento prévio dos acontecimentos noticiados. É que em vários casos a mídia transmite um crime que já foi de conhecimento de alguns moradores, mas ainda sim eles têm o interesse em assistir aos programas para, segundo eles, ter o que comentar. Outro aspecto importante do impacto das notícias sobre o cotidiano da comunidade é percebido a partir da presença policial. As notícias dão o sinal de que a polícia vai entrar na comunidade e os moradores não se sentem bem com isso. Um dos entrevistados fala sobre o que sente a respeito da divulgação dessas notícias sobre violência, relatando a forma como a polícia encara os moradores:

“O que mais me chateia é que notícias desse tipo acabam trazendo a polícia para dentro do Bairro, e quando a polícia entra, ela não respeita ninguém você está entendendo? É que para eles todos os moradores do Bairro são marginais e isso não existe, é por isso que os “traficantes” não gostam. Ai eles pegam essas pessoas que provocam a entrada da polícia e matam ou expulsam do bairro.” (Sérgio, depoimento obtido em abril de 2010).

Pode-se dizer que a presença policial é tida como problemática para os moradores. Na verdade, eles não sabem se isso traz segurança ou se provoca mais insegurança. Há um medo do que pode ocorrer se houver conflito entre policiais e traficantes. Nesse sentido, as notícias intensificam o clima de tensão entre os moradores e provoca o medo e a insegurança. Pode-se dizer que as notícias além de reforçar o estigma do bairro como sendo um lugar ameaçador, elas também influenciam um processo de sociabilidade de risco dentro do próprio Bairro. As relações de vizinhança são afetadas, pois com a presença da polícia nas entradas e nas ruas da comunidade, o risco de estarem em meio a um fogo cruzado é esperado a qualquer momento. Uma das entrevistadas demonstra como se sente quando a polícia está no bairro:

“(…) quando têm policiais nas entradas da comunidade você sente segurança, mas ao mesmo tempo insegurança, por que por mais que tenha muitos policiais aqui, a qualquer momento pode aparecer uma bala perdida e o medo nunca desaparece. Na verdade ficamos sem saber o que fazer, pois não sabemos se dá para sair de dentro de casa um pouco para conversar com os vizinhos ou se é melhor continuar dentro de casa mesmo, por que a qualquer momento pode acontecer uma troca de balas entre os policiais e... É muito difícil saber quando alguém vai vim trocar bala com os policiais, se isso acontece e ai? Para onde vamos correr? O que se pode fazer? Então é melhor ficar em casa mesmo... (Ana, depoimento obtido em novembro

Essa jovem moradora nos mostra como os acontecimentos nas áreas circunvizinhas podem desencadear notícias e conseqüentemente trazer ocupações policiais. E quando isso acontece, o clima de tensão e de medo traz a necessidade de isolamento. As ruas e as calçadas

não podem ser ocupadas, portanto o primeiro sinal na mudança do cotidiano dos moradores quando o clima está tenso pela intensificação das notícias sobre o bairro, é a evitação dos espaços coletivos da comunidade.

Outra percepção acerca das notícias é em relação a maneira distinta como os fatos são divulgados. Segundo os moradores do bairro de São José, os casos ocorridos em bairros nobres não são relatados da mesma forma que os fatos ocorridos na comunidade. Eles afirmam que a mídia não tem a mesma autonomia de divulgação sobre fatos ocorridos em tais áreas, como por exemplo: conflito familiar, baderna de jovens na rua, ou até briga entre vizinhos e etc. Lúcia diz: *“por aí, por esses bairros nobres também tem violência sabe; só que não passa na televisão, JOTA JUNIOR não fala nada”*.

Para eles, com a intensificação das notícias sobre o bairro, as pessoas de fora, “os outros” e a própria polícia, passa a classificá-los como suspeitos. *“Olhe! Para polícia, morou na periferia é bandido, para eles todos são criminosos. Eu vejo que para eles todos os moradores daqui são pessoas suspeitas até que se prove o contrario.”* (Sandra 32 anos). Outro morador também afirma: *“Dizem que a polícia traz segurança, não é? Aqui para o bairro São José ela traz insegurança! Por que eles não tratam bem o cidadão, você mesma foi testemunha disso, vemos pessoas de bem que são tratadas mal pelo simples fato de morar aqui”* (Sérgio).

Alguns moradores do São José têm uma relação de medo com a polícia e isso acontece porque, segundo eles, os policiais teriam preconceito com os moradores da comunidade. Esse preconceito (estigma) provoca as tensões e conflitos nas relações dos moradores com os policiais e com os outros (os que são de fora). Isso foi observado em algumas narrativas. Uma das entrevistadas fala da experiência de contato com pessoas de fora do bairro:

“O que mais tem em João Pessoa é transporte escolar, mas para mim é a pior dificuldade, por que nenhum dos que passam na BR, entram aqui no bairro Entendeu? [...] Lembro das vezes em que liguei, era mais ou menos assim que eu dizia: Moço eu peguei seu numero, você trabalha com transporte escolar não é? Ai em seguida, quando pergunto quanto é que ele cobra para pegar minha filha em Manaíra e deixá-la no Bessa ele pergunta: “mais precisamente em que local do bairro Manaíra”? Eu respondo: Bairro São José. Aí, ele logo em seguida diz NÃO, EU NÃO FAÇO ESSA ÁREA. [...] Mesmo tendo como pagar um alternativo não tem quem faça o trabalho por que ninguém entra no bairro, a não ser se for um morador que trabalhe com alternativo. [...] isso são coisas que incomodam muito, pesa muito”. (Lúcia, depoimento obtido em Agosto de 2009).

Segundo os moradores, torna-se difícil estabelecer o contato com os de fora do bairro porque a percepção estigmatizada que eles (os de fora) têm dos moradores vai influenciar toda uma rede de possibilidades de interação conflituosa e dolorosa para quem é da comunidade de São José. Essa identidade fragilizada é experienciada no momento em que os moradores têm contato com os “outros” de fora do bairro. Quando isso acontece, as tensões são freqüentes seja numa simples resposta, quando revelam o local onde moram, seja quando precisam pegar um taxi até suas residências. Essas experiências trazem aos moradores a percepção do estigma que carregam pelo fato de serem da comunidade.

2.3 O reflexo das ocupações militares: a operação asfixia

Durante a pesquisa pude acompanhar o impacto de uma das mais intensas ocupações policiais. No dia 15 de março de 2010 (segunda feira), tentei fazer uma visita ao bairro, mas ao falar com Lúcia tive a informação de que não seria possível. O motivo já era esperado: todas as entradas do bairro estavam cercadas por policiais militares do GOE (Grupo de Operação Especial) e a Polícia de Choque. Essa ocupação chamada de “operação asfixia” se deu pelo fato de que nos dias anteriores um suposto morador do bairro cometeu latrocínio (assalto seguido de morte) nas proximidades do Bairro São José. O fato é que a vítima era uma procuradora geral do Estado aposentada, que vinha acompanhada de uma amiga que narrou como tudo aconteceu e, posteriormente, reconheceu o suspeito.

As câmeras instaladas nos semáforos onde o veículo da vítima estava registraram o crime. O acusado vinha em uma bicicleta e se aproximou do veículo muito nervoso. Segundo a acompanhante da vítima, o rapaz aparentava estar drogado. Esse acontecimento manteve as entradas do bairro ocupadas por uma semana.

Mas, o que precisa ser descrito é a interpretação dos moradores em relação a tal operação. Algum tempo após a desocupação policial, fui até o bairro e quando perguntei a um morador a respeito dessa operação, ele me respondeu: “foi muito ruim, pois as vendas praticamente pararam” e acrescenta: “aquilo foi só uma forma de treinar os policiais, era um tipo de “treinamento” por que eles são policiais de fora”. A impressão que tive foi a de que ele estava tentando construir um discurso tranquilizador, tendo em vista que seria até inviável para seu negocio divulgar de forma sensacionalista os acontecimentos da comunidade e, por isso, tentou “suavizar” um pouco o fato ocorrido na semana anterior.

A grande maioria das pessoas que indaguei a respeito desse fato, disse que, “aquilo não era necessário e que as autoridades só estavam na busca do suspeito, por que se tratava de uma mulher rica”. E outra opinião recorrente, que reforçava a perspectiva mencionada acima era de que “se fosse um pobre ninguém estaria procurando o criminoso”. Todos os entrevistados declaram achar desnecessária essa ocupação policial e alguns se mostraram até indiferentes. E embora “eles” (os moradores) tivessem conhecimento de que muitos dos crimes e delitos cometidos nas áreas circunvizinhas sejam de autoria de uma minoria de jovens moradores do bairro, os mesmos não admitiam a maneira invasiva da mídia em divulgar fatos que envolviam alguns “meninos” da comunidade. Segundo eles, se os crimes e delitos das proximidades tivessem sido efetuados por jovens de classe média alta, os programas policiais de meio dia não iriam noticiar.

Segundo alguns moradores, as notícias que relatam fatos violentos em bairros como o São José são bastante divulgadas. Contudo, já em bairros considerados de classe média, eles acreditam que tais informações não são expostas e, se isso ocorre, não têm o mesmo peso, porque os programas não mostram da mesma maneira. Isso reforça a idéia de uma das moradoras de que não é que não haja violência em áreas nobres, assim como não é verdade que jovens de classe média alta não cometam crimes e delitos, mas o que acontece é uma maior exposição dos membros de uma comunidade pobre. A mídia teria uma maior margem de divulgação dos fatos que envolvem os indivíduos de classe inferior, esses, estariam mais expostos a especulação dos meios de comunicação. Essa moradora diz: “por ai, por esses bairros nobres também tem violência sabe; só que não passa na televisão, JOTA JUNIOR não fala nada. (Lúcia). Ela continua:

“As pessoas têm muito medo do bairro São José, elas já imaginam que aqui só mora bandidagem. Aqui tem muita gente trabalhadora que vive nesse lugar por que não tem condições de pagar aluguel em outro bairro, estou no bairro há cinco anos e não observo a vida de ninguém, se você se mantiver distante não te acontece nada. [...] aqui você tem que ser discreta” (Lúcia, depoimento obtido em novembro de 2009).

Essa conduta baseada na distância e na discrição é uma regra social bem estabelecida entre os membros dessa comunidade. A discrição deve ser um atributo tanto dos homens quanto das mulheres, uma vez que isso asseguraria um bom convívio com todos da área. Percebe-se que os homens são muito mais constrangidos a seguirem um roteiro cauteloso sobre suas atuações na comunidade, e as exigências morais atribuídas a eles são bem mais perceptíveis. Um morador diz: *“Aqui quem faz a segurança é você mesmo, aqui não existe essa coisa de polícia, nada disso, aqui é você e pronto, é você que faz a moral. [...] você sabe o que é isso? Respeito! (Sergio).* Esse aspecto é comum, sobretudo entre os homens da comunidade, uma vez que muitos sentem a necessidade de se impor para que a sua própria segurança seja garantida. Essa imposição é representada por uma espécie de moral ‘adquirida’, essa moral seria um exemplo de respeito às regras do jogo impostas pelas redes de sociabilidade, são exigências que se traduzem no respeito a todos da comunidade e por uma forma de conduta que o sujeito se impõe em relação aos outros. Basicamente, é necessário que os sujeitos sigam suas atividades sem se relacionarem ao que acontece nas áreas mais críticas. A discrição a respeito das práticas ilícitas deve ser seguida como forma de evitar qualquer perigo.

É importante trazer outro elemento que representa um forte exemplo da ordem moral que organiza a conduta dos que vivem na comunidade: *“... a partir do momento em que você se torna um ladrão que rouba na própria comunidade, a comunidade não gosta e o traficante não gosta”.* (Sérgio) Portanto, roubar dentro da comunidade represente uma gravíssima violação moral. Aqueles que cometem pequenos furtos dentro do bairro são mal vistos e muitas vezes acabam morrendo. Mesmo quando eles migram para outras áreas mais periféricas, acabam sendo mortos da mesma forma. Isso ocorre, principalmente, com aqueles jovens que se tornam viciados a partir dos doze ou treze anos e, para manter o nível de consumo passam a roubar na própria comunidade afim de comprar mais droga. Não tive acesso a esses jovens que estão próximos das atividades ilícitas, mas as observações que fiz acima fazem parte de um conjunto de falas e depoimentos obtidos durante o contato com alguns moradores do bairro São Jose. Portanto, foram os informantes que me trouxeram essas questões, sobretudo a idéia de as condutas morais estão baseadas no respeito aos códigos de honra.

2.4. A experiência dos moradores

A simples volta para casa pode ser uma experiência de risco e incerteza para os moradores do bairro São José porque podem ser alvo de tiros e de revistas policiais. O medo e a sensação de perigo ao entrar ou sair da comunidade é experimentada por praticamente todos os moradores do bairro:

“Sábado eu estava no Bessa e voltei para casa sozinha [...] bom, quando eu já estava aqui na esquina de casa eu vi três viaturas, e os policiais estavam

todos com as armas na mão, por isso eu não iria atravessar a rua e tive que seguir pela calçada. Bem, do jeito que eles estavam eles ficaram, eu passei bem perto deles por que não tinha outro jeito e eles nem sequer se afastaram ou baixaram as armas, você entendeu? Isso acontece por quê? Por que para eles eu também sou suspeita, eu vejo que em outros bairros eles não ficam com armas apontadas para todo mundo, isso acontece por que em outro bairro é difícil sair um bandido de uma esquina e atirar contra eles, mas aqui isso é possível acontecer, o problema também está nisso. É por isso que eu digo que todos os que moram na favela para eles são bandidos, até que se prove o contrário, se não fosse eles não agiriam assim... (Fátima, depoimento obtido em outubro de 2009).

Essa moradora sente que faz parte de um lugar onde todos são “suspeitos”, e viver sob suspeita causa um grande incômodo. Afinal, interfere nas atividades cotidianas e faz pensar que ir até a calçada para conversar com os vizinhos pode terminar com uma bala perdida.

Nos discursos dos moradores, o medo ficou muito claramente expresso. Uma moradora diz: “... *eu tenho medo de estar no lugar errado, na hora errada. Quantas coisas acontecem por isso?* Estar na hora errada e no lugar errado representa estar em meio a um conflito entre traficantes e policiais. Veja o que diz essa outra moradora:

“(...) das pessoas que moram aqui não têm como ter medo o que acontece é o seguinte: é você está no lugar errado na hora errada. Por exemplo, você está passando, íi vem policiais e traficantes, e logo em seguida acontece um conflito entre eles e você fica em meio a um fogo cruzado. Diante disso você pode perder a vida sem ter nada haver, por que nem policial nem bandido vai respeitar quem está passando. Veja, outro dia eu vim com minha filha no ônibus, e eles não respeitaram, imagine se eu passo com ela numa hora dessas, quando eles estiverem atirando. Esse é meu único medo [...] em relação às pessoas não tenho medo, por que todos aqui se conhecem.” (Sandra 32 anos/ depoimento obtido em outubro de 2009).

Assim, por meio dessas falas, é possível perceber que existe uma certa duplicidade com relação a identidade dos moradores da comunidade de São José. Num certo momento, aparecem as distinções e a heterogeneidade entre eles. O bairro aparece como marcado por diferenças de área, diferenças de valor moral e de conduta. Contudo, num outro momento, é possível perceber que, especialmente em oposição aos policiais e a certos grupos ‘de fora’, eles passam a usar o ‘nós’, como vítimas da mídia, da polícia e dos preconceitos daqueles que não conhecem a comunidade.

Se no início foi difícil falar sobre os programas de televisão e da violência que eles mostram, após mais contatos, pudemos falar sobre isso. E, na verdade, a percepção de como a mídia anuncia os fatos ocorridos no bairro permitiu entender um pouco mais da identidade do grupo, de como eles se vêem e vêem os outros da cidade.

Neste capítulo tentei demonstrar o processo pelo qual conheci a comunidade de São José e, especialmente, como minha percepção foi mudando após a pesquisa de campo. A idéia era trazer essas imagens do bairro, dos seus problemas, de sua sociabilidade e problemas morais para torná-los mais próximos. No capítulo seguinte pretendo realizar um novo distanciamento para pode analisar mais detidamente a sua especificidade e sua contribuição para uma discussão mais ampla.

CAPÍTULO III

O MEDO E A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”

Neste capítulo pretendo discutir aspectos da sociabilidade do Bairro de São José à luz da discussão teórica apresentada no primeiro capítulo. Tentarei tratar das implicações para a moralidade, especificamente da relação com o ‘outro’, de aspectos relacionados ao sentimento de medo dos moradores. A partir da discussão dos processos de estigma e das noções de identidade “nós/eles” será possível perceber como se modifica esse julgamento do ‘outro’ ou como, neste caso, a sociabilidade marcada pelo medo interferiu nos valores que são atribuídos aos outros.

Para iniciar a discussão, é necessário retornar à percepção de Mauro Guilherme Pinheiro Koury em relação ao fenômeno do medo na sociedade. A análise deste autor apresenta o medo como uma categoria capaz de revelar as mais variadas possibilidades e o próprio movimento de construção do ‘tecido social’. Isso ocorre por que a partir da análise dessa categoria torna-se possível entender como se estabelece o jogo de interação entre os atores sociais com base em percepções de ‘semelhança’ e ‘dessemelhança’ presentes em contextos específicos. Portanto, o medo ordena as possibilidades de contato e de diálogo entre os indivíduos de determinado contexto. Outro aspecto importante dessa abordagem que guiou o enfoque desta pesquisa é a percepção de que emoções como o medo não são estranhas a vida social. Portanto, apesar da ênfase do discurso da mídia, podemos saber de início que não está havendo uma degeneração da comunidade.

Também foi possível observar na comunidade de São José processos de semelhança e de dessemelhança. Ao analisar a noção “nós/eles” dentro da comunidade pude perceber que os processos de dessemelhança eram baseados em uma interpretação moral das ações dos outros. Na vida da comunidade, a convivência com o medo da violência (dentro da comunidade) e a vergonha (fora da comunidade) geram uma sociabilidade muito peculiar: as mínimas ações passam a ser analisadas segundo discussões sobre o certo e o errado, o bom e mau. Constantemente, o julgamento de valor da conduta dos indivíduos é posto em prática.

Esse constante processo de avaliação, como se cada um estivesse sendo julgado a cada momento e precisassem sempre provar algo, ocorre em paralelo a processo de estigmatização. Na verdade, não há como separar esses julgamentos e a preocupação com as ameaças e a vergonha da formação dos estigmas. Nesse sentido, a criação dos estigmas não é só algo imposto aos moradores do bairro, e se faz presente também dentro da própria comunidade. Conseqüentemente, ao fazerem tais atribuições eles também viabilizam ou potencializam formas de estigmatização, bem como recriam medos e vergonha. Dessa maneira, é correto afirmar que “pela estigmatização permite-se elaborar as estratégias de pertença ao local e satisfazer as acomodações das visões positivas e negativas do resto da cidade em relação ao próprio bairro e do bairro em relação a si mesmo.” (KOURY, 2005: p. 38).

Segundo Norbert Elias, é possível perceber a dinâmica da alteridade e da diferença através do desequilíbrio na “balança de poder”, ou seja, aquilo que Koury (2008) chama de enclaves de semelhança e dessemelhança. Em ambos os casos, os autores buscam explicar como se dão os processos de construção das distinções grupais. A partir do exemplo da comunidade de São José percebemos que esses processos não se dão entre apenas dois grupos, mas que muitos tipos de distinção vão se operando. Esse processo de distinção é classificado como a própria sociodinâmica das relações para Elias (2000).

As notícias sobre o Bairro de São José na mídia traziam os casos mais violentos da comunidade, que os próprios moradores reconheciam como exceção. Mas, ao ver essas imagens, os próprios moradores passavam a ter suas interações e seus contatos abalados pela influência de tais notícias. O preconceito daqueles que não são da comunidade afeta o bairro e o sentimento de medo sentido pelos moradores de outras áreas passa a afetar a organização social da comunidade ao recriar estigmas.

Portanto, posso afirmar que os outsiders observados por mim têm uma desvantagem ainda maior do que a dos outsiders estudados por Elias. Isso acontece porque, no caso de São José, a mídia torna-se um aliado poderoso dos grupos estabelecidos (os que residem nos bairros de classe média alta na região circunvizinha), espalhando o suposto valor negativo do bairro de São José para muito além de suas fronteiras, ampliando o transtorno de sua suposta ameaça, trazendo as tensões e os conflitos entre os dois grupos para um palco mais amplo. Assim, como em Winston Parva, o contexto da cidade de João Pessoa também passa expressar a noção de que determinado grupo de pessoas (os outsiders - a comunidade de São José) seriam sujas, indignas de permanecer em determinada área, e que seriam as protagonistas de todo o “mal” - pondo em risco a vida das pessoas de bem e provocando o medo no local. A experiência do bairro de São José confirma a idéia de Elias de que “os outsiders, tanto no caso de Winston Parva quanto noutros locais, são vistos - coletiva e individualmente – como anômicos. O contato mais íntimo com eles portanto é sentido como desagradável.” (ELIAS, 2000: p. 26). Em outros termos:

“Entre os já estabelecidos, cerrar fileiras certamente tem a função social de preservar a superioridade de poder do grupo. Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo outsiders tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se a chamar de “medo da poluição”. (ELIAS, 2000: p. 26).

Dessa maneira, esse medo da poluição se dá nas áreas ‘nobres’ com relação à comunidade de São José. Mas, dentro da própria comunidade percebemos o mesmo medo ajudando a elaborar categorias para distanciar aqueles tidos como perigosos.

Ainda acerca da interpretação dos moradores em relação aos ‘estigmas’ ficou claro que para eles o que é dito pela mídia sobre o bairro não convém a todos. Contudo, mesmo tendo consciência de que muitos dos que fazem parte dessa comunidade são pessoas de conduta moral respeitável, o discurso da mídia apresenta um efeito na comunidade não por ser a mídia em si, mas por estabelecer a comunidade num lugar de tensão em relação aos outros moradores da cidade. Essa tensão impossibilita esse grupo de desconstruir as percepções morais atribuídas a eles e, portanto os mesmos não dispõem de uma possibilidade de reversão do processo de estigmatização direcionados a eles. A desvantagem desse grupo diante desse jogo de interação na balança de poder foi percebida durante a pesquisa e é possível afirmar que os moradores da comunidade de São José estavam em uma condição inferior (segundo a lógica da cidade), mas reproduziam entre eles uma lógica de distinção. Tal distinção era elaborada com base na reprodução de estigmas dentro da comunidade, essas distinções intra-bairro seguem uma espécie de lógica de subestigmatização que se mostra relevante dentro dos embates entre os grupos de moradores do próprio bairro.

“A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridade de

forças para manter a capacidade de estigmatizar essa última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio de poder. Por algum tempo, ela pode entrar a capacidade de retaliação dos grupos dotados de uma parcela menor de poder, bem como sua capacidade de mobilizar as fontes de poder que estejam a seu alcance. Pode até ajudar a perpetuar, durante algum tempo, a primazia de status de um grupo cuja superioridade de poder já tenha diminuído ou desaparecido. (ELIAS, 2000: p. 27).

No contexto do bairro de São José e na sua relação com os moradores das áreas circunvizinhas, não pude perceber as condições de reversão da balança de equilíbrio de poder. Isso não ocorre só porque, como já havia dito, os ‘estabelecidos’ contariam com o apoio dos noticiários locais, mas, principalmente porque, enquanto grupo, a comunidade é radicalmente dividida e, nesse sentido, estabelecer um processo de contra-estigmatização torna-se mais distante.

Um dos aspectos mais importantes da experiência na comunidade de São José é perceber como o discurso sobre o medo está diretamente relacionado a um discurso sobre a moralidade. Isso acontece porque ao falar sobre medos, os atores necessariamente ativam uma ideia de ‘outro’. O medo está relacionado ao ‘outro lado’ e, nesse sentido, a imagem da comunidade está ligada a esse processo de colocar as culpas e os medos ‘do outro lado’, responsabilizando certos indivíduos pela crise da comunidade. Não cabe a mim discutir se isso é verdadeiro ou falso, mas apenas perceber o processo que está em operação. Ou seja, como o medo e a vergonha levados adiante pela mídia produziram julgamentos dentro da comunidade.

Portanto foi observado que o uso do medo entre os moradores se deu com base em processos de distinção e tais distinções possibilitavam a produção de estigmas. Durante os contatos com os moradores foi relevante a análise de tais distinções, pois elas possibilitavam entender o ordenamento de um olhar sobre os “outros” da comunidade. Posso dizer, contudo, que essa comunidade reforça a perspectiva eliasiana de que as distinções se estabelecem com base em uma necessidade de construção de identidades. Nesse sentido, também pude constatar a importância de percepções morais como elemento precursor de todo esse desenvolvimento de distinção e, portanto de produção de estigmas.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar a maneira como os moradores do bairro de São José interpretam as notícias de violência que colocava a sua comunidade como protagonista do medo e da criminalidade na cidade de João Pessoa, e de que forma esse discurso midiático interferia nas noções de identidade e alteridade dos mesmos. Principalmente, tentou identificar como o medo relacionado a essas notícias interferia nas perspectivas morais dos membros desse contexto específico.

No primeiro capítulo foram expostos as principais bases teóricas que nortearam a pesquisa assim como as discussões sobre a categoria medo. Foi discutida também a perspectiva de Norbert Elias sobre a construção das identidades grupais e, por fim, o diálogo com Erving Goffman demonstrou as aproximações possíveis na teoria destes autores sobre a problemática do estigma. A proposta era não só apresentar a teoria trabalhada mais também expor um diálogo a respeito da categoria do medo, para isso foram mantidas as diferentes propostas teóricas e analisados os pontos convergentes entre eles.

O segundo capítulo apresenta o bairro São José a partir do relato e da descrição do seu cotidiano, assim como mostra a metodologia utilizada durante o trabalho. Ainda, tenta exibir as interpretações dos moradores sobre o bairro, trazendo a voz desses atores sociais em suas reflexões e interpretações sobre as notícias, baseada nas noções de moralidade; ou como eles apresentam o que é tido como justo e correto na comunidade.

No capítulo três tentei discutir teoricamente o fenômeno observado. Esse momento demonstra como a teoria apresentada foi capaz de nortear uma análise sociológica.

Pode-se dizer que o principal objetivo desse trabalho foi demonstrar as conexões entre as percepções morais dos moradores e o discurso da mídia que os identifica como os 'causadores da violência'. Assim, pudemos também entender como o medo se estabelece em tal contexto, principalmente como essa categoria medo organiza as redes de sociabilidade. A pesquisa tentou revelar um bairro através da fala dos seus moradores e também que o fenômeno da moralidade não é um código distante, mas algo que se dá nos muitos processos de sociabilidade do cotidiano e está conectado a uma diversidade de processos sociais.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zigmunt (2009). *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAUMAN, Zigmunt.(2008) *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BERGER, Peter. (1983) *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanista*. Petrópolis, Vozes Ed.
- BOLTANSKI, L. (1999) *Distant Suffering: Morality, Media and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRITO, Simone.(2007) “*Vida falsa*”: *Adorno e a experiência moderna sob o ponto de vista da moral*. In: *Política & Trabalho*. Número: 26. Páginas: 57-83.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. (2000) *Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/ Edusp.
- COHEN, Stanley. (2002) *Folk Devils and Moral Panics: Creation of Mods and Rockers*. London; New York: Routledge.
- DE CERTEAU, Michel.(1994). *A invenção do cotidiano*. V.1, 12ª. Edição, Petrópolis, Vozes.
- ECKERT, Cornélia.(2000). “*A Cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velos moradores de porto alegre*” *Illuminuras*.
- ELIAS, Norbert. (1997) *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ELIAS, Norbert. (2000) *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ELIAS, Norbert. (1990) *O processo Civilizador- Vol. I: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ELIAS, Norbert. (1994) *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GOFFMAN, Erving. (1988) *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara 4ª Ed.
- GOFFMAN, Erving. (1989) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis. Vozes.
- GIDDENS, Anthony. (1991) *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- GIDDENS, Anthony. (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- HALL, Stuart. (2006) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. Ed.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002). “*Confiança e confiabilidade: Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença*” *RSBS- Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 1.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2000) *Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes das cidades brasileiras na contemporaneidade*. João Pessoa-PB Editora Universitária da UFPB.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005) *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*.- João Pessoa-PB. Edições do GREM, Editora Universitária da UFPB.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2008) *De que João Pessoa te Medo? Uma abordagem em Antropologia das Emoções*- João Pessoa, Edições do GREM, Editora Universitária da UFPB.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009) *Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CVR.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro.(2002) “*Medo, vida cotidiana e sociabilidade*”. Política & Trabalho, n. 18, PP. 9 a 20. Editora UFPB.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2003). “Tenha Medo”. Revista Terra, PP. 44-45. Edição de Julho.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. (2002) “*De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. (1993) “*Rua símbolo e suporte da experiência urbana*”. Cadernos de Historia de São Paulo. São Paulo, n. 2, jan./dez.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. “*Tribus Urbanas: metfora ou categoria?*”- in Cadernos de Campo. Departamento de antropologia da USP, ano, nº 2, 1992(b), São Paulo.

SILVA, Patrick Cesar. (2006) *Memória Social e Sentimento de Pertença: Um estudo sobre o Parque Sólón de Lucena, João Pessoa- PB(monografia)*.

SOUZA,Alessa Cristina Pereira de. (2003) *Medo e sociedade: Uma análise do bairro de Cruz das Armas, Joao Pessoa, PB. CCS/UFPB. (Monografia)*.

SOUZA, Marcelo Lopes. , (2008) *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana* – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Ed.

THOMPSON, K. (1998) *Moral panics*. London and NY: Routledge.

VELHO, Gilberto. (1985) *Desvio e divergência: uma critica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VELHO, Gilberto. (2002) *A utopia Urbana: um estudo de antropologia social-* 6.ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VELHO, Gilberto.(1987) “*Observando o familiar*”. In, Velho G. Individualismo e cultura. 2ª Ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ZAMBONI, Marcela. (2010) “*Quem acredita no amor, no sorriso, e na flor*”: a confiança nas relações amorosas. São Paulo: Annablume; João Pessoa: UFPB Ed.

WACQUANT, Loic. (2008) *As duas faces do gueto*. Castanheira.- São Paulo: Boitempo Ed.

WIRTH, Louis.(1973) “*O Urbanismo como modo de vida*”. In, Otaávio Guilherme Velho, Org. O Fênomeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar.

OUTRAS FONTES

SITE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Disponível em www.joaopessoa.pb.gov.br. Acesso em 10 de novembro de 2010.

<http://wopedia.mobi/pt/Mana>. Acesso em 11 de novembro de 2010.

ANEXOS

Anexo 1

Mapa dos Bairros de João Pessoa- PB

Anexo 2

Imagem da localização do Bairro São José e Bairros circunvizinhos

Anexo 3

O Bairro São José visto do Shopping e do Bairro João Agripino

Anexo 4

Bairro São José visto do alto da barreira do Bairro de João Agripino

Anexo 5

O Bairro de São José (Rua Edmundo Filho)

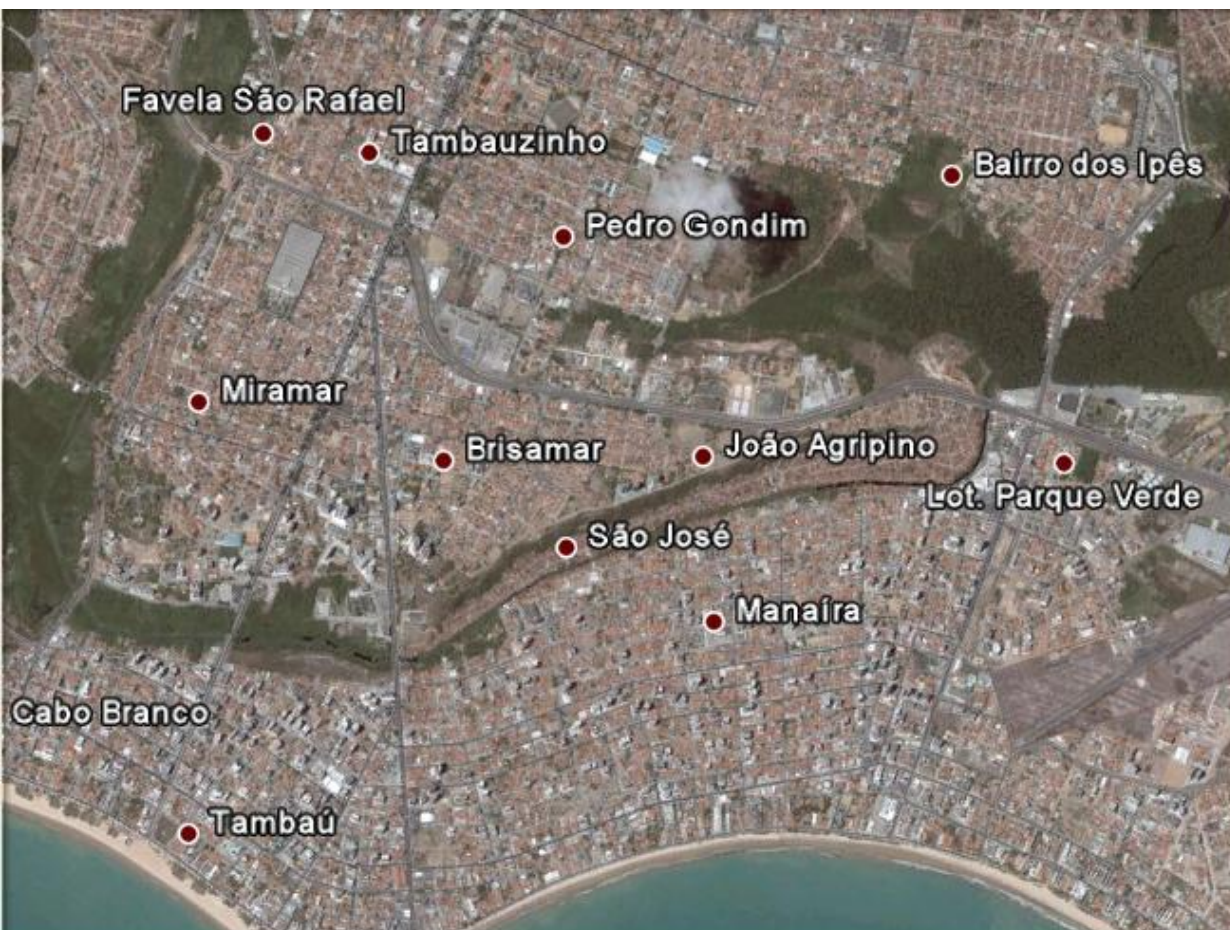
Anexo 1

Mapa dos Bairros de João Pessoa



Anexo 2

Imagem da localização do Bairro São José e Bairros circunvizinhos



Anexo 3

O Bairro São José visto do Shopping



Anexo 4

Bairro São Jose visto do alto da barreira do Bairro de João Agripino





Anexo 5

O Bairro de São José (Rua Edmundo Filho)





O Bairro de São José





